

Esquizoanálise aplicada à política de identidade: devir não é identidade e identidade não é dispensável¹

Schizoanalysis applied to identity politics: becoming is not identity and identity is not dispensable

Esquizoanálisis aplicado a la política de identidad: el devenir no es identidad y la identidad no es prescindible

Tarcisio Moreira Mendes²

Resumo: Encontro de mundos, linhas emaranhadas na produção de corpos que aumentam ou diminuem a potência de vida. Corpo Branco inventa corpos coloridos. Corpo negro promove desterritorializações. A questão posta: devir não é Identidade, no entanto, como desorganizar com seu imperceptível o desejo da Supremacia Racial? Assim, devir-negro não é “devir-qualquer-coisa”, não é imitação ou imposição de uma nova Forma. A esquizoanálise é a análise do delírio racial ou racista: denuncia o buraco negro da subjetividade da branquitude – o muro branco do significante Branco. No entanto, a identidade não é dispensável, é preciso um pouco de raça para desterritorializar. O convite: desfazer a si para que outro corpo social seja possível, eis o desafio para Branco e Negro.

Palavras-chave: Esquizoanálise; Relações étnico-raciais; Devir-negro.

Abstract: Meeting of worlds, lines entangled in the production of bodies that increase or decrease the power of life. White Body invents colored bodies. Black bodies promote deterritorialization. The question posed: becoming is not Identity, however, how can we disorganize the desire for Racial Supremacy with its imperceptibility? Thus, becoming-black is not “becoming-anything”, it is not the imitation or imposition of a new Form. Schizoanalysis is the analysis of racial or racist delusion: it denounces the black hole of the subjectivity of whiteness – the white wall of the White signifier. However, identity is not dispensable, it takes a bit of race to deterritorialize. The invitation: to undo oneself so that another social body is possible, this is the challenge for White and Black.

Keywords: Schizoanalysis; Race relations; Becoming-black.

Resumen: Encuentro de mundos, líneas enredadas en la producción de cuerpos que aumentan o disminuyen el poder de la vida. Cuerpo Blanco inventa cuerpos de colores. Los cuerpos negros promueven la desterritorialización. La pregunta planteada: devenir no es Identidad, sin embargo, ¿cómo desorganizar el deseo de Supremacia Racial con su imperceptibilidad? Así, volverse negro no es “convertirse en nada”, no es la imitación o la imposición de una nueva Forma. El esquizoanálisis es el análisis del engaño racial o racista: denuncia los agujeros negros de la subjetividad de la blancura: el muro blanco del significante Blanco. Sin embargo, la identidad no es prescindible, hace falta un poco de raza para desterritorializarse. La invitación: deshacerse para que otro cuerpo social sea posible, este es el desafío para Blancos y Negros.

Palabras claves: Esquizoanálisis; Relaciones étnico-raciales; Devenir negro.

Apresentaremos aqui uma discussão acerca da relação entre Política de Identidade e devir, dando a ver como ela é ao mesmo tempo segmentária, mas não dispensável. Para isso, usaremos algumas ferramentas da esquizoanálise em uma aventura por movimentos de devir,

¹ Bolsita CAPES de Pós-Doutorado

² Universidade Federal de Juiz de Fora

convidando a inventar uma nova terra racial ou de desracialização. Félix Guattari e Gilles Deleuze, na obra *Mil platôs 2* (2012a), chamam atenção para a produção de um padrão de Humano que então será usado como medida de todas as coisas, na Modernidade, a partir da produção do rosto de Cristo que ganha forma branca, impondo como primeira desviança a raça. “Se o rosto é o Cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvianças, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 50). Tudo que escapava, escapou ou escapa a esse modelo é Falso, Erro ou Besteira e deve ser levado novamente ao modelo, para ser modificado ou destruído. O índio³ brasileiro, o bom selvagem, mais que virginal, de causar constrangimento a Adão e Eva no Paraíso⁴, era catequizado ou abatido; ou, catequizado e, por isso, exterminado. “Eles também serão inscritos no muro, distribuídos pelo buraco. Devem ser cristianizados, isto é, rostificados” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 50). Os negros e africanos, condenados pelos Povos Antigos, descendentes de Cã – filho de Noé que zombara do corpo nu de seu pai – desgraçados para a toda Eternidade. Se não podemos dizer que foi o Branco Europeu que inventou o racismo, foi ele quem o levou às últimas consequências produzindo o desejo de sua própria morte, a perseguição nazifascista. Adoecimento da Identidade, Paixão pela interioridade desmedida, desterritorialização absoluta negativa, mergulho no buraco negro da subjetividade.

Como exercício de resistência, aqueles racializados pelo modelo opressor, fazem da Identidade, que é imposta como aparelho de Estado, uma Máquina de Guerra. “Eis que seria necessário, instalar-se sobre um estrato...” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 27). O Orgulho Gay, a Marcha das Vadias, o Feminismo, O Dia da Consciência Negra, A Voz do Morro, #somosTodosGuaraniKaiowa miram a Identidade, mas liberam outros devires. “[...] experimentar as oportunidades que eles nos oferecem, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis [...] (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 27). Dizer “orgulho hétero”, “dia do branco” não funciona do mesmo modo que afirmar “sou índio negro favelado morto pela polícia a cada minuto”. Mas há outros perigos, Guattari e Deleuze alertam que movimentos conscientes revolucionários podem esconder movimentos

³ Com respeito a toda luta dos povos indígenas do mundo, o termo “índio” é aqui usado como categoria político-social criada pelo colonialismo e positivado numa insolência contra seu criador, o branco, assim como o termo negro potencializa a luta contracolonialismo.

⁴ “Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha”. Assim disse Pero Vaz de Caminha ao escrever ao Rei Dom Manuel a respeito dos nativos encontrados no que viria ser o Brasil. Cf. MINISTÉRIO DA CULTURA. A carta de Pero Vaz de Caminha, p. 14. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acessado em 12 de fev. de 2020.

com inconsciente reacionário, conformidade com a classe dominante: dizer sou branco e pertença à raça superior; ou sou negro e pertença à raça superior trata-se da mesma política, imposição de um significante ou subjetivação – e isso amedronta os Brancos atuais. Na diferença disso, afirmar-se negro, índio, favelado, animal, mulher, criança, transvestigenero, sem querer se impor como métrica ou modelo de “raça superior” é continuar na relação que denuncia as opressões e que libera linhas de fuga. É investir num movimento revolucionário inconsciente. O movimento consciente é Identidade, responde de acordo com a classe dominante – ou responde à luta de classes imposta pela classe dominante. Opera por Semelhança, Analogia, Igualdade, Mesmo⁵. Assim, a Ditadura do Proletariado para combater a Ditadura da Burguesia ou o sonho de todo colonizado de tomar o lugar do colono, como mapeou Frantz Fanon ou Robert Kurz, é, a priori, o mesmo processo. No entanto, o movimento inconsciente continua revolucionário ao não desejar se impor como raça superior. “Não, não sou dos vossos, sou exterior e o desterritorializado, sou desde sempre de raça inferior...sou um animal, um negro” (Rimbaud *apud* Deleuze; Guattari, 2010b, p. 144). Desterritorialização da relação de opressão e disparo de novas linhas de criação.

Afirmar-se negro ou mulher ou índio em nossa sociedade pode não ser apenas produção de um símbolo (significante) ou ícone (subjetivo) para Negro, Mulher ou Índio. Nem tampouco precisa ser o desejo de substituir o modelo Homem Branco cis Heterossexual por Outro e daí derivar outras Identidades. Afirmar-se negro no nosso território racial e racista é antes um devir, um movimento de diáspora, de desterritorialização, vagando pelo mundo desterritorializado, arrastando raças e continentes pela Terra inteira. “Explicou que a Terra – a Desterritorializada, a Glaciária, a Molécula gigante – era um corpo sem órgãos. Esse corpo sem órgãos era atravessado por matérias instáveis não formadas, fluxos em todos os sentidos, intensidades livres ou singularidades nômades, partículas loucas ou transitórias” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 70). Devir negro não é buscar uma origem, uma semelhança com o povo perdido do continente africano 1000, 2000, 3000 anos atrás. Nem se submeter a um teste clínico de análise de DNA. Devir não é imitar, não é se identificar a uma forma, é “fluxos em todos os sentidos”, “singularidades nômades”; é mover-se, pôr a forma em movimento sobre o corpo sem órgãos da Terra que é produção de mais corpo sem órgãos. Devir negro é fazer variar, pôr em variação o bloco de raças. Devir negro é pôr na forma Branco “partículas loucas”, “intensidades livres” que lançam a forma Branco em desterritorialização. “O pensador não é acéfalo, afásico, ou analfabeto, mas ele se torna. Ele se torna índio, não para de se tornar, talvez para que o índio

⁵ Cf. DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. L. B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.

que é índio se torne ele mesmo outra coisa e se livre de sua agonia” (Deleuze; Guattari, 2010a, p. 141-142). O pensador branco não tem uma alternativa senão tornar-se negro, não parar de se tornar, talvez para que o negro que é negro se torne ele mesmo outra coisa e se livre de sua agonia. “De certa maneira, é preciso começar pelo fim: todos os devires já são moleculares. E que devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 67). Devir negro não é, pois, imitar uma forma Negro perdida, escravizado ou divino do continente africano. Nem fazer Zumbi dos Palmares. Devir-negro é movimento de desforma do Branco-Europeu que se torna negro para que o negro, ele mesmo, se livre de sua agonia. Devir-negro com, fazendo junto de Zumbi, Aquatune, Dandara, Anastácia, Malcon X, Luther King, Mandela, Abdias Nascimento... Reconhecer os lugares e o funcionamento dos privilégios que uma forma Branca tem numa sociedade em que o branco europeu é a medida. Devir-negro, devir-índio, devir-mulher não é impor uma forma; é problematizar e denunciar formas excludentes, mortíferas que nos são impostas. É denunciar o epistemicídio junto a Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro (2017); desemaranhar os fios de atuação das necropolíticas como provocam o filósofo Paul Beatriz Preciado – que já foi mulher lésbica e hoje investiga os possíveis ao abandonar o binarismo de gênero – em aliança com o pesquisador camaronês Achille Mbembe (2016) que denuncia as necropolíticas de Estado que decide quem deve viver e quem deve morrer. Um devir-trans do corpo que arrasta heteronormatividade, Homens e Mulheres, para outra terra sexualidade e gênero por vir; um devir-negro que arrasta racialização, Brancos e Negros, para outra terra raça por vir.

É que mais que movimento consciente de imposição de uma forma, há aí um inconsciente revolucionário que é coletivo, um disparar de “fluxos capazes de destruir todas as segregações e todas as suas aplicações edipianas, capazes de alucinar a história, de delirar as raças, de inflamar os continentes” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 144). A discussão das cotas raciais no Brasil fez com que as cotas sociais e de gênero tomassem corpo nos sistemas de seleção de ingresso em vestibulares. Giane Elisa Sales de Almeida convida a novas conexões

em mesa de debate com outras mulheres negras⁶, a base da pirâmide da economia brasileira, ao dizer “quando uma sobe puxa outra irmã”. Não se trata de uma ancestralidade familista edipianizada dos negros de África. Irmãs sem sexo definido. Irmãs feitas no entre relações, sem pai, nem mãe; irmãs geradas de máquinas cronógenas (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 378)⁷, do devir-negro que devém favelado, que devém escola pública no combate ao embranquecimento violento e histórico do Ensino Superior brasileiro. Alianças fruto do Desejo de produzir novos corpos e novas expressões. Mulher negra que só pode ser irmã da mulher trans, que luta para ter direito ao uso do nome social e do banheiro; irmã do estudante branco morador da favela da Maré que passa quatro horas diárias no transporte coletivo urbano para frequentar como bolsista a PUC-Rio na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro; alianças fraternas antifamilistas.

É perigo sempre que o movimento em devir se retenha numa Forma. É que o aparelho de Estado de identificação torna as máquinas técnicas de classificação mais apuradas e as máquinas sociais funcionais de gênero aguçadas – brinquedo de menina, brinquedo de menino, “meninas vestem rosa, meninos vestem azul”. Menina trans só pode fazer coisa de Menina; menino trans só pode fazer coisa de Menino. Um movimento que tem forma consciência revolucionária pode guardar em si um movimento inconsciente fascista, reacionário. No filme “Tudo sobre minha mãe” (1999), de Pedro Almodóvar, a personagem principal narra um caso de uma mulher transexual que inicia o processo de transexualização implantando próteses mamárias. Sua esposa, do casamento quando ainda se identificava com o gênero masculino, mantém-se na nova relação conjugal. O casal abre um bar numa região costeira e, enquanto a mulher trans exhibe seu corpo num fio dental e mantém relações sexuais extraconjugais, ela reprime violentamente a sua companheira cis, impedindo-a de vestir qualquer roupa de banho. Um movimento revolucionário de transição de gênero que não deixa escapar a forma mulher submissa à antiga forma de opressão, questão de Desejo e, por isso, de inconsciente. Outro perigo é ainda possível, embora mais raro. Pode acontecer que “um investimento revolucionário

⁶ Mesa de debate “Negras Mulheres: Poder, [R]existência Frente a Velhos Ataques” com Suelaine Carneiro, Giane Elisa Sales de Almeida e Fernanda do Nascimento Thomaz, da V Jornada de Ciências Sociais UFJF, acontecido em 15 de setembro de 2017.

⁷ “Eis o que são as máquinas desejanças: são máquinas formativas, em que até as próprias falhas são funcionais, e cujo funcionamento é indiscernível da formação; são máquinas cronógenas que se confundem com sua própria montagem, que operam por ligações não localizáveis e por localizações dispersas, fazendo intervir processos de temporalização, formações em fragmentos e peças destacadas, com mais-valia de código, e em que o próprio todo é produzido ao lado das partes, como uma parte à parte, ou, segundo Butler, ‘num outro departamento’ que o assenta nas outras partes; são máquinas propriamente ditas, porque procedem por cortes e fluxos, ondas associadas e partículas, fluxos associativos e objetos parciais, induzindo sempre à distância conexões transversais, disjunções inclusivas, conjunções plurívocas, produzindo assim extrações, desligamentos e restos, com transferência de individualidade numa esquizogênese generalizada cujos elementos são os fluxos-esquizes” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 378).

no nível do desejo inconsciente, coexista com um investimento reacionário conforme a um interesse consciente” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 144). Lembremos de Sérgio Nascimento Camargo, ex-Presidente da Fundação Palmares, que fora acusado de negro “racista” e “Capitão do Mato”. Em sua defesa, ele apresenta uma foto de Gilberto Gil com a neta, que tem biotipo branco. Na postagem no twitter compartilhada por Nascimento, é possível ver respostas de pessoas negras atacando Gilberto Gil, que também é negro, com expressões do tipo “que nojo, desculpa” ou “muito triste”, por Gil se relacionar com pessoas brancas ou pessoas negras de pele clara como sua neta. Nascimento argumenta que a garota está sendo vítima de racismo dos negros “que na visão doentia e criminosa deles [negros] cometeu o erro de nascer branca” (sic)⁸. As publicações que se dispuseram a problematizar o caso argumentaram que o racismo de negros contra brancos não é possível, já que o negro é uma minoria política no Brasil. No entanto, o que Sergio Nascimento dá a ver sem se dar conta, inconscientemente, não é o ataque racista de negros contra brancos, mas um dos efeitos do racismo à brasileira que produz uma ação reacionária de alguns grupos de pessoas negras que atacam relações inter-raciais. É corriqueiro os ataques sofridos por Gilberto Gil e outras pessoas famosas e negras que se relacionam com pessoas brancas, usando para isso o conceito de relacionamento afrocentrado. Para os homens negros, em especial, é usado o termo pejorativo “palmitagem”⁹. No entanto, é preciso mapear com atenção o alvo dos ataques na luta antirracismo: o significante Branco que produz o racismo e faz com que mulheres negras sejam preteridas nos relacionamentos afetivo-sexuais, inclusive por homens negros; o significante Branco que produz discriminação, hierarquização familiar ou sofrimento em crianças negras frutos de casamentos inter-raciais. E não pessoas negras que conseguem formar laços afetivos inter-raciais numa sociedade institucional e estruturalmente racista. Sabemos que os gostos são produzidos por arranjos sociais, por uma subjetividade coletiva, por Desejo e, por isso, a esquizoanálise é uma análise de desejos, inclusive aqueles para os quais somos educados. No entanto, a luta antirracismo não

⁸ **PODER 360.** Sergio Camargo critica militantes negros no Twitter. Disponível em <https://www.poder360.com.br/governo/sergio-camargo-critica-militantes-negros-no-twitter/>. Acesso 15 de fev. de 2021.

⁹ O termo palmitagem está relacionado a discussão cara da “solidão da mulher negra”, aspecto observado pela membra da banca, Dra. Rachel Aguiar. Socialmente, mulheres negras são as mais preteridas nos relacionamentos afetivo-sexuais. São vítimas do racismo produzido por pessoas brancas e do reproduzido por pessoas negras, que as veem como corpos sexualmente atrativos, porém não dignos de afetos socialmente mais nobres, como o amor. Desse modo, homens negros que preferem se relacionar oficialmente com mulheres brancas e reproduzem o racismo do branco, são chamados “palmiteiros”, expressão que faz alusão ao palmito que é branco. Para ver mais: **GELEDÉS.** Como palmiteiros nascem, uma reflexão de quem sempre palmitou. Disponível em <https://www.geledes.org.br/como-palmiteiros-nascem-uma-reflexao-de-quem-sempre-palmitou/>. Acesso 13 de abr. de 2021.

terá êxito no combate à criminosa discriminação se continuar a preferir atacar corpos negros, como fazem os racistas, e não a política e o Ideal Branco.

Trabalhos como o “Famílias inter-raciais – tensões entre cor e amor” (2018), da pesquisadora branca Lia Vainer Schucman fazem um mapeamento de relações inter-raciais junto a algumas famílias brasileiras. É verdade que o início da colonização brasileira foi marcado por violências sexuais, estupros cometidos por homens brancos contra mulheres índias e negras, os quais foram romantizados por intelectuais como Gilberto Freyre¹⁰. Todavia, é verdade também que as relações inter-raciais se tornaram, ao longo da resistência afropindorâmica, potentes alianças de combate à exploração escravista e à discriminação racista, como no Quilombo dos Palmares.

Os efeitos da ideologia do embranquecimento e o fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e à raça negra fizeram com que os brasileiros mestiços e grande parte da população com ascendência africana, de maneira geral, não se classificassem como negros, gerando um grande número de denominações para designar as cores dos não brancos, como moreno, pessoas de cor, marrom, escurinho etc. Portanto, essa forma de classificação não raramente eliminou a identificação dos mestiços com a negritude e fez com que estes não se classificassem como negros, bem como contribuiu para que permanecessem intactas todas as estereotípias e representações negativas dos negros (Schucman, 2018, p. 43).

Schucman percebe em sua pesquisa, assim como Neusa Santos Souza percebeu em seu trabalho “Tornar-se negro” (1983), que a estrutura do racismo age dentro das famílias inter-raciais geralmente como forma de repressão quando, por exemplo, a mãe branca repreende o filho ou a filha usando a racialização negra. Mas ao mesmo tempo, mostra como é através do afeto que se supera em parte o racismo (embora amar, em alguns casos, seja tornar o negro, branco) como expressa o título do capítulo de Lia “Minha mãe pintou meu pai de branco”. Schucman cita o trabalho “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil” do antropólogo brasileiro e congolês e negro, Kabengele Munanga, que teve sua primeira edição lançada em 2006 e que problematiza o território do mestiço no Brasil, seu potencial de desterritorialização. Ora o mestiço é vítima do racismo, dada as relações em que é posto; ora tem vantagens de não ser reconhecido como negro, embora nunca tenha o privilégio de ser confundido com um Branco. Na diferença de alguns movimentos negros que denunciam como privilégio a posição do mestiço, Munanga defende que este “o mesmo e o diferente”, esta indefinição social proposital,

¹⁰ Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Global, 2006.

diferente do regime de segregação estadunidense declarado, contribui para a perpetuação do racismo à brasileira: “Esta indefinição social... conjugada com o ideário do branqueamento, dificulta tanto a sua identidade como mestiço, quanto a sua opção de identidade negra. A sua opção fica hipoteticamente adiada, pois espera, um dia ser ‘branco’, pela “miscigenação” (Munanga, 2002, p. 140 *apud* Schucman, 2018, p. 43).

É preciso desse modo pensar que política de branqueamento é esta e como ela opera. Às vezes cooptando homens negros e negras retintas para endossar posições racistas e essencialistas; às vezes fazendo com que negros retintos ataquem outros negros retintos ou negros de pele clara, atualizando a violência colonial de um colonizado contra o outro, como alertou Fanon; ou às vezes ainda promovendo linchamentos virtuais de corpos negros, atualizando os linchamentos históricos permitidos em lei durante a escravidão. Sergio Nascimento, desse modo, ao agir consciente na defesa de um impossível racismo reverso, na verdade, se alia a um inconsciente revolucionário da luta antirracismo, denunciando os efeitos nefastos na psique e na produção de corpo negro na sociedade brasileira. Continuar a atacar corpos negros e sua descendência tem ajudado a manter a supremacia racial no Brasil, na qual colonizado trata de impotencializar colonizado, enquanto a política do branqueamento e, sobretudo, o grande significantes Branco se mantém no Poder, seja no corpo social, seja nas mentes das pessoas.

A cartografia singular de Munanga dá a ver as sobrecodificações e as desterritorializações promovidas pelo elemento mestiço no racismo à brasileira. Sergio Nascimento, inclusive, ataca os movimentos de “esquerda” dizendo que, no Brasil, não há racismo como nos EUA, baseado numa política de pureza racial, fundamentada na origem hereditária, a chamada “regra da gota de sangue” (*one-drope rule*). O que de fato, pode ser verdade. No entanto, o racismo que há lá, opera também aqui, mas com cores, corpos e mentes muito específicos – agenciamento de corpo e expressão específicos, máquina abstrata racista à brasileira.

Munanga (2019) cita, em seu livro, a introdução que escreveu para a obra de outra pesquisadora, Eneida Almeida dos Reis, “Mulato: negro-não-negro e/ou branco-não-branco” (2002), argumentando contra os ataques que recebe de racistas que condenam as políticas de cota e o modo de avaliação das bancas de heteroidentificação, acusadas de “tribunais raciais”. Munanga tenta explicar para quem não quer entender. Ele possui uma paciência sábia, pouco comum entre os intelectuais brancos no Brasil que se dispõem a pensar racismo. Reproduzo, aqui, para continuar na tentativa de educação dos brancos.

Aqui está o dilema da construção da identidade dos ‘mulatos’. Teoricamente, eles têm três opções: optar pela identidade de um dos grupos; construir a sua identidade mestiça; ficar perdidos sem nenhuma opção. No entanto, a prática social tem demonstrado que mesmo se o desejassem e o quisessem, eles não seriam vistos totalmente como brancos ou como negros. Ou seja, a opção pela identidade do ‘branco’ não lhes seria totalmente franqueada, pois a mestiçagem constituiu uma ameaça à identidade daqueles que ainda acreditam na ‘pureza racial’. Visto deste ângulo, não são raras as situações de competição em que os indivíduos ‘mulatos’ deixam ser chamados de ‘doutores’ para se tornarem ‘negrinhos’ e ‘negrinhas’ metidos(as). Também não são poucos os depoimentos de jovens mestiços(as) discriminados(as) por negros(as) em alguns contextos. Construir uma identidade ‘mestiça’ ou ‘mulata’, que incluiria ‘um’ e ‘outro’ ou excluiria ‘um’ e ‘outro’, é considerado por mestiços(as) conscientes e politicamente mobilizados(as) como uma aberração política e ideológica, pois supõe uma atitude de indiferença e de neutralidade perante o processo de construção de uma sociedade democrática, na qual o exercício de plena cidadania, a busca de igualdade e o respeito às diferenças constituem tributos fundamentais (Munanga, 2002, p. 19-21 *apud* Munanga, 2019, p. 109-110).

O Branco sempre buscou modos de não ter sua supremacia racial questionada, seja produzindo Negros ou Índios, seja, ainda, produzindo pardos, mulatos, caboclos, mestiços. E até mesmo hierarquizando a própria branquitude, como mapeia o trabalho de Schucman (2014) com seus Encardidos abaixo dos Brancos e dos Branquíssimos. Se alguns movimentos negros usam do essencialismo ensinado pelos Brancos para, às vezes, atacar mestiços, como aponta Munanga e questiona Sergio Nascimento em sua crítica à esquerda “racista”, é preciso também entender como a política de branqueamento captura mestiços ou negros retintos para endossar políticas de supremacia racial branca. Pois a questão é como se agencia a expressão e o conteúdo na produção de um corpo racial em nossa sociedade? O fenótipo retinto não é o único recurso. Não se trata apenas de conscientizar, trata-se de mapear como é produzido um inconsciente racial ou racista. Sergio Nascimento nega o racismo ao apostar no esforço pessoal e no trabalho do indivíduo para a superação das desigualdades em nossa sociedade, sem considerar que a racialização vai também determinar o esforço e o acesso de cada corpo aos bens sociais, muito antes do interesse consciente da aposta no mérito individual. Porém, ao negar que existe racismo no Brasil, ou privilégio para um grupo Branco do Poder, Sergio Nascimento, sendo negro retinto, acaba se tornando um ótimo aliado para a branquitude, recebendo uma compensação pelo seu trabalho. No entanto, numa sociedade fundamentada no racismo, seu corpo nunca passará despercebido pelos processos de identificação da norma branca. Aliás, é necessário que ele se assuma negro e negue o racismo para que seu papel na aliança racista seja pactuado. Desse modo, ele não é aliado na luta antirracismo, mas também não pode ser alvo privilegiado

dos movimentos antirracismo. Pois, os donos do Poder continuam Brancos. Vale destacar que Sérgio Camargo foi o único punido até agora por seu comportamento no governo anterior militarizado¹¹.

Torna-se difícil, então, perceber o movimento, o devir-negro sem desejar ser a Forma Negro. Não se trata de algo a ser feito apenas por pessoas negras, é preciso também que o homem branco entre em devir-negro, para que a homem e negro possa, ele mesmo, libertar-se de sua agonia, libertar-se da necessidade de padronagem, para que devesse outra coisa. Desse modo, necessariamente é preciso que o homem branco devesse também outra coisa. Pois como provoca Neusa Santos Souza, trata-se de algo para ser feito junto, “indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação” (Souza, 1983, p. 18). Entrar em devir negro talvez ajude o homem branco pobre a se libertar do lugar imposto, submisso ao Homem Branco, pois o devir põe em movimento toda a cadeia, é sempre um bloco, põe em variação contínua variáveis e invariantes. Porque se o Negro tem lugar específico no mundo racial Branco, o Homem Negro também tem um lugar muito segmentado pelo Significante Homem Branco. O ataque aqui deve ser contrassignificante.

O racismo europeu como pretensão do homem branco nunca procedeu por exclusão nem atribuição de alguém designado como Outro: seria antes nas sociedades primitivas que se apreenderia o estrangeiro como um ‘outro’. O racismo procede por determinação das variações de desvios, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc.). Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até a extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio). Sua crueldade só se iguala a sua incompetência ou a sua ingenuidade (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 50-51).

O exercício de uma esquizoanálise não é impor uma Forma, uma outra forma substituta a uma forma Errada ou Falsa, nova Identidade. O exercício que se propõe a esquizoanálise “é atingir os investimentos de desejo inconsciente do campo social, enquanto distintos dos

¹¹ CNN. CGU pune ex-presidente da Fundação Cultural Palmares acusado de assédio moral. Disponível em [https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cgu-aplica-sancao-a-ex-presidente-da-fundacao-cultural-palmares-acusado-de-assedio/#:~:text=A%20Controladoria%2DGeral%20da%20Uni%C3%A3o,quarta%2Dfeira%20\(17\)](https://www.cnnbrasil.com.br/politica/cgu-aplica-sancao-a-ex-presidente-da-fundacao-cultural-palmares-acusado-de-assedio/#:~:text=A%20Controladoria%2DGeral%20da%20Uni%C3%A3o,quarta%2Dfeira%20(17).). Acesso 28 de fev. de 2025.

investimentos pré-conscientes de interesse, sendo que aqueles podem não somente contrariar a estes, mas coexistir com estes em modos opostos” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 464). Chegar até investimentos de desejo inconsciente do campo social, enquanto distintos dos investimentos pré-conscientes de interesses de classe e capazes não só de contrariá-los, mas também de coexistir com eles, opondo-se lhes. Investir no devir-negro é, pois, impedir que a forma pré-consciente Branco continue a se impor ou é impedir que uma Forma Negro queira se impor ao Branco; é conviver com este interesse de classe sempre coexistindo ao seu perigo de imposição e opondo-se lhe sempre. O Desejo nada tem a ver com ideologia. Os interesses de classe sim.

O inconsciente delira. E todo delírio é uma produção e, antes, um investimento inconsciente social. Não foram os negros que se inventaram como raça negra; não foi o gay que se intitulou “alegre” nos Estados Unidos. O delírio é racial: sou negro e índio, da raça inferior! Embora ele possa se tornar racista: sou Branco Homem Hétero cis Urbano da raça superior. É que o fluxo do delírio oscila entre dois polos: nomádico e plurívoco; segregativo e biunívoco. “O delírio tem como dois polos, racista e racial, paranoico-segregativo e esquizo-nomádico. E entre os dois, tantos deslizamentos sutis e incertos, nos quais o próprio inconsciente oscila entre duas cargas reacionárias e suas potencialidades revolucionárias” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 144). Trata-se, pois, de pôr em devir toda uma Política de Identidade que deseja a morte e o silenciamento de grupos ou Identidades classificadas como Diferentes. Pôr o Branco em devir-negro é disparar fluxos e desvelar uma necropolítica ou os epistemicídios que uma norma vem criando. A afirmação de Deleuze e Guattari n'O anti-Édipo, por exemplo, que não há delírio que não seja racial e histórico, mostra que eles não negligenciam a produção da Identidade colonizadora. Pelo contrário, ao afirmarem que há diferenças entre um delírio de polo racial e outro de polo racista, mostram como estavam totalmente implicados à territorialidade de suas produções. Eles rosnam, grunhem e gritam aos europeus sobre as mazelas que os próprios europeus produzem ao se colocarem como centro de tudo.

A significância e a subjetivação não ouvem o outro porque só ouvem a si mesmas, sempre em Falta. Perceber o devir-outro como convidam Deleuze e Guattari, nunca é fazer como o Outro, imitar um Outro, seja nas dores, seja nas conquistas; ou tematizar o Outro. “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação [...] devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação [...]” (Deleuze; Guattari, 2002, p. 18). Não se trata de um outro vazio, sem sentido. Investe-se, sim, numa política de identidade outra que desterritorializa Branco e Negro na produção de outras raças, de uma Terra de raças

por vir. Não há processo de semelhança e nem identificação de diferentes para recolocá-los na Norma, mesmo como desviação. É uma aliança contrasignificante ou movimento contracolonialismo que não deixa impune um significante Branco nem uma subjetivação da branquitude. Não se trata da revanche, do ressentimento. Isto é apenas o oposto do Mesmo. É, antes, a produção de uma história outra, devires históricos: uma identidade fundida apenas na plena diferenciação possível no encontro sempre atual, na efetiva presentificação do outro, de tantos outros. Identidade fundida pela possível Afirmação da Diferença e não pela busca da Semelhança. “A oposição, a semelhança, a identidade e mesmo a analogia são apenas efeitos produzidos por estas apresentações da diferença, em vez de ser as condições que subordinam a diferença e fazem dela alguma coisa de representado” (Deleuze, 1988, p. 144). Parafrazeando “Diferença e Repetição”, identidade como mais um efeito da diferença e não como seu representado. Eis o desafio ainda aberto à experimentação!

Referências

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. L. Orlandi e R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. B. Prado Jr. e A. A. Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. L. B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. Trad. A. L. Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: Ed. 34, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Trad. A. L. Oliveira, A. Guerra Neto e C. P. Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. Trad. A. Guerra Neto, A. L. Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Trad. S. Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *In: Arte e Ensaios*, n. 32, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 24 set. 2018, p. 123-151.

MUNANGA, Kabengele. Introdução. *In.: Mulato: negro-não-negro e/ou branco-não-branco*. São Paulo: Altana, 2002, p. 19-21. (Coleção Identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais** – tensão entre cor e amor. Salvador: EDUFBA, 2018.

TUDO sobre minha mãe. Direção de Pedro Almodóvar. Espanha, França: 1999. 1 vídeo (101 min).

Sobre o autor

Tarcisio Moreira Mendes: Bolsista CAPES em estágio de pós-doutorado no PPGE/FACED/UFJF, com doutorado e mestrado em Educação pela mesma instituição, onde desenvolveu pesquisa Esquizoeducação. Licenciado em Pedagogia e especialista em Teatro e Dança na Educação, performer e ator com formação em Artes Cênicas pela UFOP. Mult[*in*]disciplinar entre Linguística e Arte e Filosofia e Educação e e... Negro e viado, problematiza as relações entre Raça, Gênero e Sexualidades, confluindo pensamentos de Mbembe, Krenak, Paul B. Preciado, Oyèrónke Oyèwùmí, Nego Bispo, Deleuze, Guattari, entre outros. É pesquisador do Travessia Grupo de Pesquisa (CNPq).
E-mail: tarcisiodumont@yahoo.com.br

Recebido em: 01 mar. 2025

Aprovado em: 09 jul. 2025